

16 novembro 1912

Meus queridos Pais

Na manhã de 12 subimos o Tejo, ele mostrou-nos as suas margens numa riqueza enorme de efeitos todos abundantes em verde; depois apareceu-nos a cidade, Belém, e num momento estávamos no caes de Alcântara. O meu olhar, ao aproximarmo-nos do caes, procurou com ânsia o Norberto, de repente encontrei-o e pareceram-me longos os momentos que se passaram até lhe poder fallar. Por fim ele entrou, abraçamo-nos, mostrei-lhe fotografias que satisfizeram a sua crítica exigente e trocámos impressões. Quando íamos a sair, chegou o Lacerda e o Manta.

Encontrei Lisboa envolvida na luz de um belo dia toda sorridente e alegre, entrámos em casa do Norberto que é a dois passos do caes para eu desencaixotar as estatuetas. Chegaram bem, felizmente, só caiu a chávena, mas é coisa insignificante. Acabado isto, fomos para a Escola, era perto do meio dia. Os rapazes receberam-me como um príncipe mostrando-me grande alegria e levando-me para a Montanha onde me deram uma taça de champagne entre discursos, vivas e hurras, palavras de amizade, risadas francas, coroadando-me de flores por não terem loiros, mas tudo isto de uma forma tão franca e singela (?) que me ficará para sempre a impressão desses rapazes que me desejaram tão calorosamente um grande futuro. São belos os momentos em que se vêem muitos corações batendo, palpitando só por um desejo, por uma ideia em que se esquecem invejas, lutas mesquinhas, e todos os sentidos, todas as forças se juntam no mesmo entusiasmo. Nesses momentos há um pouco da bela fraternidade, em todos os corações quasi que passa um amor pronto ao sacrifício, à abnegação. É uma bela recordação que eu levo de estas horas que estive em Lisboa; o pior é que não tive tempo de ir à tia Carmo nem às Aguiares.

Às 4 fui para bordo mas só saímos às 6 e meia. Os rapazes acompanharam-me, eu dei-lhes cerveja, tocaram e cantaram fados. Depois ao pôr do sol, um pôr do sol que doira tudo, eles vieram para o convés e misturando a sua alegria com o entusiasmo patriótico dos Gregos deram vivas à Grécia e dançaram juntamente com eles no meio de uma multidão de mais de mil e tantos Gregos em que brilhava um amor extraordinário pela pátria que nos mostra bem que eles descendem d'esse povo tão grande na história. Impressionava ver tantos homens cheios de um amor fanático cantarem o seu hino nacional. Era um espectáculo belo e o morrer do sol tornava-o um tanto triste. Chegou por fim o momento em que eu tive que abraçar todos estes rapazes e o vapor partiu. O Norberto é que ficou encarregado de fazer as coisas que não tive tempo; dei-lhe uma carta que não estava acabada para metter no correio, devem ter percebido.

A viagem tem continuado magnífica, dias lindos e nenhum balanço. A costa Africana acompanhou-nos sempre, desenhando-se por momentos mais nítida, por momentos afastando-se, iluminada por um belo sol que faz brilhar o Oceano, dá à atmosfera tons diversos e muito belos. Hoje vou-me deitar. Muito boas noites, amanhã continuarei.

Temos ainda a costa Africana à vista mas o dia está sombrio, havendo grandes nuvens que fogem como fantasmas e encobrem o cimo das montanhas que são áridas, sem vegetação nem homens, não há uma casa, são montanhas e montanhas desertas. À noite passamos em frente de Alger. O que vimos foi só uma linha recta de luzes intensas e a seguir outras mais fracas cobrindo (?) uma pequena colina, dos lados dois grandes faróis. Hoje, logo de manhã, começámos a ver a grande Grécia, primeiro duas ilhas, uma de cada lado do vapor, depois um imenso golfo parecendo dois grandes braços que se espreguiçassem languidamente no Oceano. São áridas nuvens que fogem como fantasmas e encobrem o cimo das montanhas. Este país de desertos faz-se sentir mesmo nas suas montanhas, junto ao mar parece que os grandes ventos varrem tudo e não deixam nem o homem, nem os animais, nem a vegetação aparecer à flor da terra. Contudo esta costa no seu género é bela e imponente.

Ontem, à noite, passámos ao longo de Alger que se mostrou numa linha de luzes intensa, e a seguir outras mais fracas cobrindo uma pequena colina; dos lados dois grandes faróis. Hoje de manhã começámos a ver a grande Grécia. A abóbada celeste estava coberta por uma enorme camada de nuvens espessas que não deixavam ver o sol e o mar extraordinariamente calmo como um lago, só tendo as ondas que o vapor produzia, tinha um belo verde. O vapor passou primeiro entre duas ilhas, depois entrou entre dois grandes braços de terra que se espreguiçam languidamente no Oceano formando um lindo golfo. Estes dois braços são áridos e desertos, num só víamos algumas oliveiras, nenhuma pequena casa lhe quebrava a austeridade, parece que nunca por lá os homens passaram, nem os animais, que só os habitam talvez ainda os deuses mitológicos.

Continuámos navegando n'este golfo, vendo aproximarem-se as montanhas que no começo eram como nuvens, de repente aparece-nos uma que se levanta como desesperada entre as outras numa carranca altiva e orgulhosa, mas ao passo que o vapor caminha, aquela expressão transforma-se, sendo finalmente quasi risonha. Ao fundo víamos as arestas das montanhas geladas e, do lado esquerdo, apareciam-nos erguendo-se do mar, arrogantes, duas montanhas de rocha abrupta e escarpada como dois gigantes que, ciumentos dos deuses e defensores de Patras, vizinhos, a guardam com todas as suas forças. E a cidade, para os deuses não a verem quando em correrias infernais passarem naquelas montanhas desertas, esconde-se humilde, sombria, confundindo-se com a montanha de uma tal forma que só a um ou dois quilómetros a conseguimos ver.

O vapor aproximava-se, e os 1.500 Gregos começaram cantando o seu hino e, com uma alegria que lhes saía de todos os poros, davam vivas à pátria, davam tiros e tocavam cornetas, tinha-se a impressão que de um instante para o outro se ia lutar por todos os lados. Eram tiros e mais tiros, viam-se revólveres a encherem-se de ballas e outros a vazarem-se, mas todo este conjunto, todas estas almas delirantes eram belas, tão belas que as lágrimas correram-me. De terra a multidão compacta dava vivas e

mexia bandeiras, era uma loucura. O vapor parou e todos estes homens ansiosos deixaram os hinos para correrem à sua pátria.

Nós fomos almoçar e saímos para terra com o médico de bordo e um outro empregado; demos uma volta na cidade mas, por ser domingo, muitos estabelecimentos fechados e as igrejas. Demais não tem nada de característico a não ser o costume de uns camponeses que têm umas saítas e casacos de peles e o dos padres com barbas e um chapéu cilíndrico preto. A cidade ,pouco maior que Ponta Delgada, tendo muitas casas ricas em arquitectura e com arcadas como no Terreiro do Paço.

Ontem de manhã vimos a costa de Itália. É um perfeito contraste com as que tínhamos visto até aqui. As montanhas são sorridentes, são verdes, têm árvores, muitas ribeiras e continuamente casas, umas juntando-se como medrosas, outras fugindo alegres pelas encostas.

Passadas 3 horas de gozarmos esta paisagem viva e animada, entramos no estreito de Messina; mas nuvens enormes esconderam o sol e a costa, impedindo-nos de ver Messina.

Imediatamente que nos affastamos do estreito, um belo sol apareceu e acompanhou-nos até o anoitecer quando deixávamos o Stromboli que magestoso se levanta no Oceano, negro, árido quasi, só tendo uma vegetação rasteira e escura e deitando golfadas de fumo compacto e cor de chumbo que se eleva no ar e se espalha compassadamente, completando assim a impressão horrorosa d'aquele monstro de aspecto sinistro. Quando o fámos perdendo de vista, parece que o deus Vulcano, arrependendo-se de nos deixar passar sem nos mostrar a sua força, de repente deu ordens; e as nuvens escuras que estavam muito ao longe aproximaram-se imediatamente, fazendo uma enorme trovoadas e uma chuva torrencial, expandiu a sua força mostrou-nos a sua grandeza, foi belo, porque foi uma mudança extremamente rápida e curta.

Hoje temos visto muitas ilhas, uma era um enorme rochedo, outra parecia um bocado de planície flutuando, e muitas outras espalhadas no horizonte. Estamos agora na costa da Córsega, antes da noite deixal-a-hemos, e amanhã às 6 da manhã veremos Marselha. Nunca fiz uma viagem tão boa, o mar tem sido sempre como um lago, o vapor não dá balanços, é agradável estar a bordo quando o mar está assim calmo. De Patras para cá temos vindo sós em primeira ,jantámos, o Capitão, o Médico, o Rebello e eu, é quasi uma família. Em segunda há duas senhoras uma suissa e outra americana, com dois pequenos, às vezes vêm para a primeira e conversamos. A suissa é mais distinta do que a americana. Quando vi a costa de Hespanha e Gibraltar, lembrei-me de de 1908 agora vinha só, quando será que a verei acompanhado. Desta vez vi muito melhor a costa Africana e Hespanhola do que em 1908. O dia estava lindíssimo.

Cheguei a Marseille 20 de manhã e a Paris hoje 21, também de manhã, não tenho tempo de dar as minhas impressões. Paris não me surpreendeu.

Não há frio.

Tenho que metter a carta no correio para apanhar o Roma em Lisboa.

Saudades a Almeida e a Rita e

Um abraço muito saudoso a todos sem exceptuar a tia e a avó.

Ernesto do Canto